

FREITAS, Ronald. O Mercado perde sua alma. Correio Popular, Campinas, 05 abr. 1996

RONALD FREITAS

O canário-do-reino emudeceu quando o comerciante Wilson Garcia levantou a pesada porta de ferro do Bar Café Campinas às 5 horas de ontem. Não cantou, como fizera até a semana passada, quando o estabelecimento era aberto na madrugada por seu dono Hermínio Garcia, tio de Wilson. Parecia adivinhar que 20 minutos mais tarde, Hermínio, o Pachola, morreria de parada cardíaca, na UTI do Hospital Irmãos Penteados, onde estava internado há 10 dias. Mas sua tristeza não era única. Apenas Pelé e Garrincha, os dois ídolos do dono do *sujinho* mais famoso da cidade, continuaram a sorrir na foto em preto e branco que enfeitava o Bar do Pachola, no dia em que o Mercado Municipal de Campinas perdeu sua alma.

Era assim que os amigos consideravam o homem simples, de 87 anos, praticamente nascido no Mercado (o prédio foi inaugurado em abril de 1908 e o comerciante nasceu em setembro do mesmo ano). Começou a trabalhar menino, vendendo doces e salgados aos passageiros dos trens que paravam na Estação Carlos Botelho, onde hoje estão as bancas de peixe. As guloseimas eram preparadas por seus pais, com quem aprendeu a fazer o picadinho mais famoso da cidade. Nessa época, com 12 anos, o comerciante conheceu seu melhor amigo, César Contessotto, ex-diretor da Companhia Campineira de Transportes Coletivos, hoje com 90 anos. "Lembro do Pachola cruzando a estrada-de-ferro Funilense com o tabuleiro de doces e salgados", diz.

Desde então, foram anos de aperitivos nos bares Cristófane e Ideal e pescarias em Sorocaba, no pesqueiro em que eram sócios, em Laranjal Paulista, e nos rios do Mato Grosso. O último encontro foi no começo de março, em Laranjal Paulista, quando o comerciante tocou no bumbo músicas de antigos carnavais. A pesca era uma das paixões dos dois amigos. A outra, o Guarani. Contessotto era o presidente do clube em 1949, quando o time subiu para a divisão especial. Pachola, bugrino roxo, morreu como conselheiro do Guarani, cuja bandeira envolveu seu caixão. Outro de seus pedidos foi atendido às 9 horas de ontem, quando seu caixão deu a volta no Mercado Municipal antes de ser levado para o cemitério da Saudade, onde foi sepultado, às 16 horas.

A última despedida significou o fim de um hábito de 30 anos para o comerciante Getúlio Alves Perez: o cafezinho das 5h30, tomado no balcão do Bar do Pachola, preparado pelo amigo de 32 anos, antes que os dois comessem o trabalho em seus boxes. "Tomávamos o cafezinho e ele começava a preparar o picadinho", recorda-se. Nessas três décadas de convivência, Perez não se lembra de ter pago um único café a Pachola. "No seu bar comia-se tendo dinheiro ou não. Muitos ex-ricos passaram por aqui para tomar um prato de sopa, de graça, depois de perder a fortuna", conta.

Na Banca de Temperos, quase em frente ao bar, que ontem teve a porta cerrada "por motivo de falecimento", José Gonçalves Azenha, o Zezinho, lamentava a morte de Pachola. Amigos desde 1948, quando Zezinho chegou ao Mercado, sempre conversavam sobre pescarias, mas nunca puderam praticar o *hobby* juntos. Decidiram, por fim, ir a Passo do Lontra (MT) dia 26 de abril. "Agora, nada feito", lamenta. Solteiro, Pachola não deixa herdeiros, mas seguidores. O sobrinho Wilson pretende manter o espírito do bar fundado por seus avós intocado, reunindo esses amigos, como sempre, das 7 às 18 horas, em torno do picadinho, do pirão, do cozido, dos pastéis, da dobradinha, das garrafas de pimenta e da pinga com jambo.





*Pachola no 87º aniversário do Mercado, em 1991, em seu bar no ano passado, e o amigo César Contessotto: bandeira do Guarani na despedida*